

# TECENDO TRAJETÓRIAS COLETIVAS DE VIDA: A experiência do Projeto mulheres negras resistem no estado do Ceará.

Jéssica Silva de Sousa<sup>1</sup>.

Liniane de Cássia Santos<sup>2</sup>.

**RESUMO:** O presente trabalho aborda a experiência do Curso de Extensão universitária *Mulheres Negras Resistem*, que possui como público alvo mulheres negras cearenses. O curso objetiva fomentar o protagonismo feminino e negro, bem como a formação teórica e política, de, com e para mulheres negras com vistas a preparar quadros de representação social e política. Para o desenvolvimento deste trabalho utilizamos Pesquisa bibliográfica e de Campo. Como técnica de coleta dos dados foi possível o uso de Observação participante visto que as autoras compuseram o quadro de cursistas do Projeto em discussão. Os aspectos teóricos foram elaborados a partir da compreensão teórico-metodológica da Interseccionalidade articulando as categorias raça, classe e gênero. Como resultados da experiência do projeto em pauta trazemos aspectos do fortalecimento identitário das cursistas demonstrado no trabalho de conclusão de curso de uma das autoras deste trabalho, bem como a inserção das cursistas em espaços como a pós-graduação, residências universitárias da área da saúde e intercâmbio nos Estados Unidos.

**Palavras-chave:** Resistências coletivas. mulheres negras. Projeto mulheres negras resistem.

**ABSTRACT:** The present work addresses the experience of the Extension Course *Mulheres Negras Resistem* which has black women from Ceará as a target audience. The course aims to foster female and black protagonism, as well as theoretical and political training, with and for black women with a view to preparing social representation and political representation. For the development of this work we used bibliographical and field research. As a data collection technique, it was possible to use participant observation since we compose the list of participants in the project under discussion. The theoretical aspects were elaborated from the theoretical-methodological understanding of Intersectionalities articulating the categories race, class and gender. As a result of the experience of the project in question, we bring aspects of the identity strengthening of the trainees demonstrated in the work of completing the course of one of the authors of this work, as well as the inclusion of the students in

---

<sup>1</sup> Bacharel em Serviço Social pela Faculdade Cearense – FAC. E-mail: jessicasousace@hotmail.com

<sup>2</sup> Bacharel em Serviço social pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Mestranda do Mestrado acadêmico em Serviço Social, Trabalho e Questão social - UECE. Pesquisadora do Laboratório de Estudos e pesquisas em Afrobrasildades, Gênero e Família – NUA Afro. E-mail: liniane.santos@gmail.com

spaces such as postgraduate, university residences in the area of health and exchanges in the United States.

**Keywords:** Collective resistances. black women. black women project resist

## 1. INTRODUÇÃO.

No Brasil, ainda vivemos sob o mito da Democracia Racial, elaborado a partir de interpretações da obra *Casa Grande e Senzala* (1933), de Gilberto Freyre. A obra e sua repercussão transmitiu a impressão de que a nossa formação sócio-histórica se deu de maneira harmoniosa e pacífica, contribuindo para que se criasse um imaginário que nega a presença do Racismo nas relações e estruturas sociais. Ainda assim, a histórica luta da população negra brasileira carrega entre suas pautas prioritárias a denúncia de que o Racismo configura-se, no Brasil, como uma estrutura vigente nas relações interpessoais, políticas e institucionais, (ALMEIDA, 2018).

Dados sobre as condições de vida das mulheres negras no Brasil informam que estas representam 25,38% do contingente populacional brasileiro, são  $\frac{1}{4}$  da população nacional, segundo dados do Censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE, 2010. Com base nos estudos de Crenshaw (2004), costumamos dizer que as mulheres negras compõem a base da pirâmide social brasileira, por serem elas que carregam em seus corpos, em suas vivências, e em seus cotidianos, as diversas formas de opressão de raça, gênero e classe.

Nesse sentido, acreditamos que pensar as condições de vida das mulheres negras na atualidade, implica refletir sobre os lugares que historicamente lhes foram reservados em uma sociedade que se construiu a partir de um modelo de produção pautado na exploração da mão de obra da classe trabalhadora, em especial, do sujeito negro. Este sujeito negro foi inserido nessa sociedade de classe, inicialmente pela via da escravidão, e nos dias atuais, pelas heranças que este período deixou reservando para a população negra o lugar da subalternidade e do servilismo. Desse modo, segundo Madeira:

O papel da mulher negra nos processos de trabalho, a exploração, a opressão desde a escravidão e a desumanização têm funcionado como mecanismo de controle e dominação. Historicamente mulheres sentem dificuldade de ocupar espaços de poder, tendo pouca representatividade política (JORNAL O POVO, 2017).

O marco temporal e político de idealização do Projeto Mulheres Negras Resistem aconteceu em 14 de março de 2018 noite em que foi assassinada a Vereadora Marielle Franco quando voltava do evento *Jovens Negras Movendo as Estruturas*, na cidade do Rio de Janeiro. Marielle Franco era uma mulher negra, *cria da Favela da Maré*, como ela mesma gostava de enunciar, defensora dos Direitos Humanos, vereadora pelo Partido Socialismo e Liberdade – PSOL, a vereadora foi eleita com mais de 46 mil votos no ano de 2016.

O assassinato de Marielle Franco articulou as diversas instâncias de organização da população negra brasileira, em especial, o movimento de mulheres. Suspeita-se que o crime que vitimou Marielle Franco possui caráter político porque a vereadora vinha às vésperas de sua morte em intensa denúncia da atuação de milícias na cidade do Rio de Janeiro, bem como vinha tecendo críticas à intervenção Militar posta pelo Estado.

Idealizado e coordenado pela professora Vera Regina Rodrigues da Silva<sup>3</sup>, o Projeto Mulheres Negras Resistem é resultado de articulações coletivas de mulheres negras pesquisadoras, intelectuais, professoras que têm dedicado suas trajetórias profissionais e políticas com vistas a superação do racismo em suas variadas facetas ora em voga no estado do Ceará, região em que se estabeleceu a falácia de não existência do povo negro em seu território, imaginário influenciado por ter sido o estado do Ceará o primeiro a abolir o regime escravocrata em 1884, antes mesmo da assinatura da Lei Áurea.

## **2. PROJETO MULHERES NEGRAS RESISTEM E INTERSECCIONALIDADE: A EXPERIÊNCIA DO PROTAGONISMO TEÓRICO E POLÍTICO DE MULHERES NEGRAS NO CEARÁ.**

Aprendemos com Lélia Gonzalez (1984) sobre a importância de nos anunciarmos como sujeitos do conhecimento, nós população negra, historicamente – como bem ilustrou a intelectual negra –, temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala

---

<sup>3</sup> Professora adjunta no Instituto de Humanidades da UNILAB- Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. Professora efetiva no Programa de Mestrado em Antropologia UFC-UNILAB. Doutora em Antropologia Social pela USP - Universidade de São Paulo, Mestre em antropologia social - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Bacharel em Ciências Sociais Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala (GONZALEZ, 1984, p. 225, grifos da autora).

Desse modo, retomamos o legado de Marielle Franco para demonstrar como sua vida e a interrupção física violenta materializada na sua execução naquele 14 de março de 2018 foram simbólicas, ao mesmo tempo em que traduzem a concreta opressão que impacta a vida das mulheres negras empobrecidas, em sua maioria jovens. Contudo, frente a ausência de condições dignas para viver, as mulheres negras nas favelas “são potência de criatividade, inventividade e superações das suas condições, nas formas de vida e nas organizações sociais em seus territórios e alcançam, em seus múltiplos fazeres, centralidade na cidade” (FRANCO, 2017, p. 90). Essas reinvenções da mulher negra na manutenção da memória e da cultura, preservação da vida e ressignificação dos ritos e costumes é histórica e está presente nas formas de organização dos povos da diáspora negra. Nesse mote, chamamos atenção para uma experiência concreta e da qual partimos, a saber, experiência do Projeto Mulheres Negras Resistem.

Durante o período de inscrição o projeto recebeu um total de 92 candidaturas para o preenchimento de 30 vagas, das quais foram preenchidas 27. As cursistas foram selecionadas respeitando os critérios etnicorraciais e o alinhamento com os objetivos do curso, a saber, o enfrentamento ao racismo e sexismo e o protagonismo Feminino e Negro que deveria estar expresso nas justificativas que elas apresentaram durante a realização da inscrição *Online*. As inscrições do projeto ocorreram no mês de Abril e o lançamento aconteceu no dia 04 de Maio de 2018, no Auditório do Porto Iracema das Artes – Rua Dragão do Mar, 160 - Praia de Iracema, Fortaleza – CE, às 18h. A partir da metodologia do projeto os encontros de discussão e estudos aconteceram quinzenalmente também no Porto Iracema das Artes. As cursistas selecionadas ocupam diferentes lugares profissionais e de atuação política e estão inseridas em espaços como a universidade, ong’s, partidos políticos dentre outros.

O curso de extensão universitária Mulheres Negras Resistem destina-se a estimular e fortalecer o protagonismo de mulheres negras por meio da formação de quadros de representação social e política. Essa representação visa atingir espaços públicos e privados da produção de conhecimento, elaboração e execução de políticas públicas, bem como cargos eletivos no poder público (EDITAL PROJETO MULHERES NEGRAS RESISTEM, 2018). Isto posto, o Projeto depreende o alinhamento político do Feminismo Negro, democracia, justiça social e luta antirracista.

Estes alinhamentos políticos são paradigmas centrais do projeto humanista das mulheres negras brasileiras. O desenrolar histórico político das mulheres negras brasileiras na cena pública é eivado de enfrentamentos as dimensões que colocam raça, condição de classe e sexualidade, entre outras, como condições desiguais e inferiores. Nós mulheres estamos vivenciando essas opressões, as quais chamaremos em referência científica – utilizada pela produção de conhecimento das mulheres negras – de interseccionalidades.

A interseccionalidade funciona como ferramenta metodológica e analítica uma vez que fornece chave de leitura da realidade de forma dinâmica, o que possibilita enxergar como atuam as opressões sobre os corpos atingidos pelo que o pensamento de mulheres negras define como matriz de dominação. Tal matriz de dominação vai se referir ao estuário no qual o sistema capitalista de subjugação da vida humana interpõe opressões combinadas, interdependentes e não separadas e estáticas (AKOTIRENE, 2018).

Esmiuçando, a interseccionalidade é a sensibilidade analítica utilizada para (e por – em se tratando da tradição do pensamento feminista negro estadunidense) mulheres negras que torna visível sua condição de *acidentada* pelo cruzamento de eixos como a raça, as condições de classe, sexualidade e regionalidade, por exemplo, impondo a essas mulheres o lugar da base da pirâmide, a encruzilhada interseccionada e transversalizada pelas avenidas ou eixos estruturais, como invoca Akotirene (2018).

Especificamente se tratando de ler a experiência socioeconômica de mulheres negras, da interseccionalidade retomamos sua concepção e utilização, tanto como quem cunhou o termo como quem largamente vem utilizando-o. Segundo Carla Akotirene, em *O que é interseccionalidade?* (2018), Kimberlé Crenshaw<sup>4</sup> foi quem cunhou o termo interseccionalidade. Akotirene (idem) discute sobre a utilização do termo que seguramente surge nos Estados Unidos com o pensamento feminista negro.

No Brasil, ainda segundo a autora em tela, teóricas como Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro não utilizaram do termo a rigor, mas em suas abordagens da construção histórico-política das mulheres negras consta a dimensão da interseccionalidade, isto é, as condições que atravessam a trajetória de uma mulher negra atuando simultaneamente.

---

<sup>4</sup> Advogada, defensora dos direitos humanos e teórica das teorias críticas de Raça nos Estados Unidos.

A filósofa Djamila Ribeiro (2017), em seu livro *O que é lugar de Fala?* Apresenta uma reflexão elaborada pela escritora portuguesa Grada Kilomba<sup>5</sup> para quem a mulher negra seria *O outro do Outro* em referência ao trabalho da também filósofa Simone de Beauvoir (1949), que concluiu que o ser mulher se constrói a partir de uma oposição em relação ao ser homem. Uma vez que a mulher branca seria *O Outro* em relação ao homem branco, a mulher negra seria *O outro do Outro* por estar em oposição ao homem branco e à mulher branca, ocupando assim um *não lugar* ou um *terceiro lugar* que não é nem masculino nem branco. A condição de *outro* é tida para Patricia Hill Collins como *Outsider Within* que quando traduzido podemos compreender como *estrangeiro/a de dentro* o que possibilita às mulheres negras, ao mesmo tempo em que ocupam um *não lugar*, obterem desta condição proveitos singulares para se enxergarem em suas especificidades e diversidade, sendo possível inclusive que este grupo populacional consiga elaborar leituras da realidade de um espaço compartilhado apenas por elas e que, como nos é comum, possam ser compartilhadas por todos aqueles que se sintam contemplados por nossas análises.

Nesse mote retornamos para o Projeto Mulheres Negras Resistem cuja experiência vivida refere-se a própria dimensão e metodologia da interseccionalidade. Estamos de acordo com Akotirene (2018) e sua escolha política pela interseccionalidade ao resgatar as noções de autoavaliação e autodefinição das mulheres negras, por Patricia Hill Collins. A autodefinição é crucial na elaboração de um projeto como o citado porque estimula o protagonismo feminino negro na elaboração e reinvenção de políticas públicas e agências cotidianas.

Ademais, o Projeto Mulheres Negras Resistem configura-se como uma das ações que consegue contrabalancear a falsa narrativa de que não há negras/os no Ceará, já mencionada neste trabalho. Sob as lentes da interseccionalidade precisamos localizar as condições de regionalidade que nos marcam. No estado do Ceará as jovens negras têm 4,43 mais chances de morrer que as jovens brancas (BRASIL, 2017). É um dado concreto que denuncia a matriz de dominação que intersecta a raça, a classe, o gênero e a regionalidade. Desta forma, as forças que precisamos lançar mão para debelar esse quadro devem ser complexas assim como o são as condições que nos subjugam.

Ações como o Projeto Mulheres Negras Resistem, a sua continuidade como formação contínua e as parcerias com outras mulheres negras em suas organizações vão

---

<sup>5</sup> Professora, escritora e artista Portuguesa que trabalha com as questões de raça, memória e performance.

tornando possível a capilarização da luta em espaços que possam parecer inatingíveis. Somadas as ações do movimento de mulheres negras e da ação corajosa e incisiva das mulheres negras dentro dos movimentos negros, vamos construindo organismos de enfrentamento as facetas do racismo.

Enfocamos especialmente a inspiração de ações similares e a continuidade das ações com as mulheres negras que por essa formação passam pois os recursos não dão conta da demanda, registre-se aqui a segunda edição da aludida formação que contou com inscrições de outras regiões do Brasil e totalizou 808 inscritas para 40 vagas para as cursistas.

É incontestado que do assassinato de Marielle Franco vêm surgindo narrativas de transformação seja com o Instituto Marielle Franco que está sendo desenvolvido por Anielle Franco - irmã de Marielle -, seja o curso de extensão Mulheres Negras Resistem, ambos com a finalidade de formar politicamente quadros de agência e protagonismo de mulheres negras em vários espaços.

Contraditoriamente a identidade dos sujeitos que executaram Marielle e Anderson Gomes - seu motorista no fatídico 14 de março - foi revelada a público um dia antes do crime completar um ano sem resolução, ainda não se sabe de quem partiu a ordem para matá-la.

O crime contra Marielle Franco reverberou em mulheres que têm ousado caminhar sob bases de um projeto humanista das mulheres negras. Renova em nós a antiga compreensão de que devemos forjar nossa existência, cujo aprendizado remonta de mulheres negras como Preta Simoa, cearense que travou a mesma luta de Francisco José do Nascimento - o Dragão do Mar- no enfrentamento ao traslado de escravizados pelo mar a outras partes da costa do Nordeste, entre tantas como Aquilino, Marias, nossas mães e avós (ARRAES, 2017).

Justiça e liberdade são buscas históricas no legado das mulheres negras. Políticas públicas que não são articuladas de maneira a enfrentar as desigualdades transversalizadas com outras políticas acabam por manter intactas as desigualdades que funcionam combinadas. Dessa forma o fosso que há entre o acesso a oportunidades de manutenção da vida aumenta, e nem a minimização das opressões pela redução das vulnerabilidades consegue ser atingida. Desta forma, reiteramos aquilo que vêm sendo posto nas análises de

mulheres negras sobre a importância de chaves metodológicas e analíticas como a interseccionalidade na formulação de políticas públicas, como defendia Luiza Bairros<sup>6</sup>.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Finalmente, verificou-se que o Projeto Mulheres Negras Resistem cumpriu o objetivo de formação teórica e política a que havia se proposto, além de se configurar como lugar de encontro e fortalecimento Identitário para mulheres negras cearenses, tornando-se um espaço democrático, horizontal, acolhedor e ponto de intersecção das trajetórias de vida de mulheres que ocupam espaços profissionais, políticos e teóricos diferentes, e que durante o curso puderam trocar experiências e aprendizados colaborando mutuamente para formação e fortalecimento político umas das outras.

Sabemos que o assassinato de Marielle Franco anunciou os contornos de um processo de reconfiguração política para o país que inevitavelmente aponta para os riscos de nossa sobrevivência simbólica e material enquanto povo negro. No final de 2018 as mulheres negras promoveram um Encontro Nacional<sup>7</sup> importantíssimo para a atual conjuntura econômica e política que se instaura no país. Em vários estados e cidades brasileiras notamos fagulhas de reorganização dos setores historicamente oprimidos, reinvenção de estratégias, reconhecimento da necessidade do diálogo e o Projeto se apresenta enquanto proposta concreta nesse sentido.

Consideramos importante salientar que o Projeto Mulheres Negras Resistem está indo para sua segunda turma em 2019, com a aula inaugural marcada para o dia 14 de Março quando completa um ano do assassinato de Marielle Franco. Além disto, vivemos a oportuna articulação de um grupo de mulheres que compôs a primeira turma do Projeto e que está formando um grupo de estudos para encontrarem-se mensalmente, com vistas a continuar potencializando as conquistas alcançadas no *Projeto*.

Das cursistas que participaram da edição 2018 do projeto materializaram-se conquistas objetivas como inserção em mestrados acadêmicos, aprovação em intercâmbios fora do país, aprovações em seleções públicas, bem como o fortalecimento identitário e político enquanto mulheres negras.

---

<sup>6</sup> Formada em Administração de empresas, foi ministra-chefe da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial do Brasil entre 2011 e 2014.

<sup>7</sup> O encontro nacional de mulheres negras aconteceu em dezembro de 2018 na cidade de Goiânia e marcou o aniversário de trinta anos do primeiro encontro nacional de mulheres negras brasileiras.

Em 2019 o Projeto mulheres negras resistem recebeu mais de 800 inscrições para o preenchimento de 40 vagas, dado que demonstra a importância desta iniciativa e a urgente demanda das mulheres negras por seu fortalecimento político e teórico. Neste sentido consideramos importante anunciar a experiência do *Projeto* com o intuito de visibilizar propostas de construções coletivas de resistência que vêm dando resultados significativos para as mulheres negras no Ceará, mas que pode ser implementado em outras regiões do país.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é Interseccionalidade?** Belo Horizonte, Letramento, 2018.

ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras**: em 15 cordéis. São Paulo: Pólen, 2017.

COLLINS, P. H. **Aprendendo com a *Outsider Within*: A significação sociológica do pensamento feminista negro**. Revista Sociedade e Estado, nº 1 vol 31. Janeiro/Abril 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf>> acesso em 10 de ago, 2018.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Índice de vulnerabilidade juvenil à violência 2017**: Desigualdade racial, municípios com mais de 100 mil habitantes. Disponível <[http://www.unesco.org/new/pt/brasil/aboutthisoffice/singleview/news/indice\\_de\\_vulnerabilidade\\_juvenil\\_a\\_violencia\\_2017\\_desig/](http://www.unesco.org/new/pt/brasil/aboutthisoffice/singleview/news/indice_de_vulnerabilidade_juvenil_a_violencia_2017_desig/)>. Acesso em: 4 de mai. 2018.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984 [pp. 223-243]. Disponível em: <[https://www.academia.edu/27681600/Racismo\\_e\\_Sexismo\\_na\\_Cultura\\_Brasileira\\_-\\_L%C3%A9lia\\_Gonzales.pdf](https://www.academia.edu/27681600/Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira_-_L%C3%A9lia_Gonzales.pdf)>. Acesso em: 19 de set. 2017.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**. Brasília: Ipea, 2013.160 p.

MADEIRA, Maria Zelma de Araújo. **Para que política de Ação Afirmativa?** Jornal o Povo. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/jornal/opiniaio/2018/05/para-que-politica-de-acao-afirmativa.html>> Acesso em: 11 de maio, 2018.

MADEIRA, Maria Zelma de Araújo. **Mulheres negras em espaços de poder**. Jornal o Povo. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/jornal/opiniaio/2018/10/mulheres-negras-em-espacos-de-poder.html>> Acesso em 11 de nov, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **O que é Lugar de fala?** Belo Horizonte, Letramento, 2017.